

## **Dizer não<sup>1</sup>**

*Graciela Brodsky*

O longo título previsto para minha intervenção nessa mesa: "Saídas singulares para o mal estar frente às identificações segregativas" me concerne especialmente.

Filha única, nascida após dez anos de casamento, considerada por meus pais como um presente do céu - até que uma interpretação selvagem o transformou em presente de grego, pertencendo à única família judia que morava em Parque Patricios em um raio de dez quarteirões, única aluna judia do Instituto Bernasconi (porém sempre no quadro de honra), soube converter rapidamente essa diferença numa exceção que não deixava de ser acompanhada por certa antipatia com relação ao Outro. Tudo isso não sem resto, porque a fobia infantil se estendia a cada coisa que se movesse, de cachorros a redes, sem falar do carrossel.

Esse traço, que conheceu várias declinações e com o qual sempre me senti como um peixe na água desde que não me encontrasse com muitos pares, só se converteu em algo perturbador na primeira entrevista com meu último analista, quando, após ter repetido pela terceira vez em vinte minutos que era filha única, ele me disse gentilmente que já havia lhe dito isso, o que me deixou diante do "plus" que meu relato sustentava. Com os anos, a análise me permitiu obter desse traço, cujo agalma foi se convertendo em sintoma, o melhor para mim e para a psicanálise.

*Dizer não*

O título permitiu assim que eu me situasse rapidamente no problema, afora outras situações que facilmente se apresentaram para me animar a uma reflexão sobre o círculo vicioso que se produz entre a identificação e a segregação, e propor uma perspectiva diferente que permita pensar a segregação fora do registro identificatório. Tudo isso em quinze minutos o que resultará em algo sucinto.

A Senhora C. consulta uma psicanalista: teme que alguém possa ver em seu corpo sinais de gravidez. Por isso se submete a dietas rigorosas. Uma mulher grávida lhe dá nojo. Odeia crianças. De início adverte a analista que não vem nem para se casar nem para ter filhos. "Não quero que isso termine levando nos braços um bebê". A mulher - acrescenta - não tem que ser maternal só porque seu corpo é apto para procriar. Veterinária de profissão, afirma que jamais poderia ser médica: "todos os cachorros me fascinam, salvo o cachorro humano". Os humanos não são mais que biologia caminhando.

A Senhora P., em troca, sofre porque seu corpo lhe nega o que seu ideal lhe pede. Quer ser mãe e não consegue engravidar. Também se dirige a um psicanalista, nesse caso ao Doutor Lacan. Ele a tira da encruzilhada de seu sofrimento:

- Você quer parir como todo o mundo?

Isso foi o suficiente para orientá-la em outra direção.

Para ambas as mulheres, não ser como todo mundo tem um valor especial. A primeira, que não dispõe da significação comum que cabe ao Nome-do-Pai dar, inventa-se como veterinária e obtém assim uma solução à ameaça de uma produção ilimitada que seus sonhos revelam. A prudência da analista não questiona sua solução e a análise lhe permite

assegurar uma especialidade no setor de emergência, em que atende animais fêmeas que sofrem de complicações no parto.

A segunda, neurótica, precisa ao contrário passar pelo Outro para que este legitime sua excepcionalidade histórica.

Stepahnie x, funcionária da France Telecom, atirou-se da janela do quarto andar após saber que reestruturavam sua seção e que ela seria transferida para o âmbito de outro chefe. Dois dias antes, um empregado de cinquenta e dois anos cravara uma faca no estômago diante de seus chefes. Pouco antes, um homem de cinquenta e um anos atirou-se de um viaduto sobre uma autoestrada após deixar uma carta na qual acusava o clima de trabalho da empresa como aquilo que o levava a tomar essa trágica decisão. No total, em um ano e meio, vinte e cinco empregados da France Telecom se suicidaram. Outros foram salvos após tentativas fracassadas. Epidemia de suicídios, disse a imprensa. Bernard-Henry Levy também. Os sindicatos denunciam como pano de fundo o programa de modernização da empresa, que forçou milhares de trabalhadores a se transferirem para lugares distantes de suas famílias, mudou as condições de trabalho e deslocou o pessoal técnico para postos de trabalho e *call centers*.

Longe da solução esperançosa que os mineiros da cidade de Grimley encontraram através da banda de música em "Um toque de esperança", filme de Mark Herman que denuncia as consequências das políticas econômicas implementadas por M. Thatcher na Inglaterra nos anos 90, os empregados da France Telecom padecem mais do que Richard Sennet descreve como a corrosão do caráter e as consequências pessoais do trabalho do novo capitalismo: ficar à deriva perdendo o controle da própria vida.

Sem dúvida, o que surpreende nos suicídios da France Telecom é o fenômeno de identificação que acaba formando um

novo conjunto dos segregados no contexto de trabalho. Não se trata somente do que a mídia fala no plural como "os suicidas", agrupando-os, mas o suicídio mesmo, de forma curiosamente paradoxal, deixa de ser um ato singular: além de ser uma mensagem *in extremis* dirigida à empresa, reinstala na série dos vinte e cinco um laço desesperado, um laço com outros, uma identificação - digamos ainda que soe estranho - com uma comunidade de pares que não têm em comum um ideal, mas que compartilham a qualidade de objetos caídos da cena do mundo. Onde em outros tempos as grandes greves ou o agrupamento político permitiam uma solução coletiva, a solução singular dos empregados da France Telecom leva a considerar mais de perto os paradoxos da identificação.

Algo igualmente peculiar - ainda que em certo sentido menos trágico - é o que Cielo Latini, que teve seu momento de fama há uns anos com a publicação de seu livro *Abzurdah*, falava sobre a anorexia. "A anorexia proativa, dizia ela então, não é uma doença nem um distúrbio. Não se confundam; os anoréxicos têm apetite e instinto de sobrevivência como qualquer outra pessoa. Nós, seres humanos, somos impelidos não só a colocar alimento em nossas bocas como a buscar essa experiência repetidamente. A principal diferença dos anoréxicos proativos é que preferimos dizer não a esses impulsos". Eis aqui o surpreendente: sustentadas por esse dizer não, o movimento *pro-Ana* (nome da anorexia em seu jargão) reúne, através da Internet, dezenas de milhares de jovens, quase todas mulheres com menos de 20 anos.

Negar-se a ser como todo o mundo não tem o mesmo estatuto para a Senhora C., para os suicidas da Telecom, para Cielo Latini ou para a Senhora P. Para uns, dizer não é uma decisão insondável, para outros é a defesa a todo custo dessa diferença subjetiva que o sujeito não está disposto a sacrificar para o gozo do Outro. Em cada caso,

apesar de suas diferenças, o pecado do analista seria tentar reduzir esse traço de excepcionalidade a um destino comum.

Porém esse "dizer não" se paga caro, inclusive com a vida, especialmente se se leva em conta, como lembrou há pouco Jacques-Alain Miller, que o desejo do sujeito é um desejo de pertencimento, de inserção no Outro em busca de um significante que o represente. Assim, não jogar o jogo tem conseqüências que vão da incredulidade (*unglauben*) psicótica, que se produz como conseqüência da recusa à impostura paterna (veja-se "De uma questão preliminar..."<sup>2</sup>), à passagem ao ato; do sem sentido e do "sem fé" da histeria ao desejo do depressivo.

#### *Dizer sim*

O curioso é que dizer sim, colocar-se sob um significante que faça do sujeito um entre os outros no campo do Outro, implica necessariamente um efeito de segregação que convém considerar atentamente.

À primeira vista, a segregação parece se realizar em relação ao Outro: segregação do Outro e segregação ao Outro. Fala-se então de segregação religiosa, racial, de gênero, etc. Não obstante, estes são casos em que a segregação fortalece definitivamente a identificação em vez de dissolvê-la. O caso do movimento *pro-Ana* é um exemplo disso, se bem que deveríamos nos perguntar qual é, nesse caso, o apoio da nova identificação já que não parece ser o ideal que Freud pensava em seu famoso capítulo sete de "A psicologia das massas".

Todas essas são no fundo segregações que se produzem pela incompatibilidade entre grupos constituídos e determinados por um traço, e então, o que à primeira vista parecem casos de segregação terminam sendo reciclados de

imediatos - gosto muito dessa expressão de Miquel Bassols - na lógica das identificações grupais: o clã, a tribo urbana, o clube, o country, esse ou aquele grupo, etc. Cada época tem os seus. A Escola mesma foi concebida por Lacan como um lugar de reidentificação para os desidentificados do discurso analítico. E os próprios ensinamentos do passado são uma maneira de restabelecer o laço com o Outro que se encontra afetado no final da análise.

Vê-se que prescindir da identificação não é fácil, tampouco é desejável. Lacan destaca isso no parágrafo tantas vezes citado: "Seguramente os seres humanos se identificam com um grupo. Quando não o fazem estão encurvados, estão no fim. Porém não digo com isso a qual ponto do grupo eles têm que se identificar"<sup>3</sup>.

#### *Fazer parte*

O problema apresenta então vários níveis:

Primeiro, em aparência, parece que a identificação confere um pertencimento ao Outro. Porém, se examinamos um pouco mais atentamente, descobrimos que a identificação a um traço me separa do Outro - o que rapidamente acaba reciclado em novas identificações com aqueles que compartilham tal traço.

Para sair desse círculo vicioso é necessário então um terceiro passo no qual se descobre que o que me separa do Outro, o que me segrega do Outro ou o que segrega o Outro não são as identificações mas o gozo. É o gozo o que faz com que o Outro seja Outro, radicalmente diferente de mim mesmo. Além disso, é o gozo o que faz com que o próprio sujeito seja para si mesmo esse Outro do qual não quer saber nada. No nível do gozo não há reciclado identificatório da segregação.

A expressão "fazer parte" condensa muito bem o miolo do que está em jogo entre a identificação e a segregação. O desejo de fazer parte, de inserção, que leva o sujeito a se inscrever como significante no campo do Outro (alienação), é necessariamente seguido pela separação, que não é separação do Outro mas do gozo, é a extração que se opera no corpo dessa parte de gozo com a qual o sujeito jogará daí em diante sua partida sem querer saber nada disso (separação). Os fenômenos de identificação e segregação adquirem então uma dimensão diferente, menos sociológica e mais psicanalítica se forem considerados em função das estratégias - que vão do amor ao ódio - que cada sujeito usa para se virar com esse resto de gozo segregado do corpo e separado do Outro.

Miller dedicou todo um ano para explorar essa lógica em seu curso *Extimidade*. Vocês o terão nas livrarias em abril do próximo ano.

*Tradução: Elisa Monteiro*

---

<sup>1</sup> Apresentado inicialmente no *IV Encontro Americano de Psicanálise Aplicada da Orientação Lacaniana (ENAPAOL)*, *XVI Encontro Internacional do Campo Freudiano - La clínica analítica hoy: el síntoma y el lazo social* - Buenos Aires, 28 e 29 de agosto de 2009, na plenária de 29/08/2008: *Saidas singulares para o malestar frente às identificações segregativas*. Texto posteriormente revisado e cedido gentilmente pela autora para ser publicado em *Opção Lacaniana online nova série*.

<sup>2</sup> Lacan J. (1995 [1998]). "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose". In *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

<sup>3</sup> Lacan, J. *Seminário 22, RSI*. Inédito.